



## **Repertório Didático: Perspectivas Sociológicas do caipira na formação da sociedade brasileira.**

**Gustavo Dal Farra Miguel Jorge<sup>1</sup>**

### **1. Introdução**

Sob a luz da leitura da obra de Antonio Candido e a importância do caipira na formação cultural brasileira, a estrutura do repertório didático a seguir apresenta a sugestão de uma sequência de aulas a serem trabalhadas – a princípio no recorte da cidade de Botucatu, mas com possibilidades de enfoque em quaisquer outros lugares que estejam localizados na chamada Paulistânia, território compreendido a partir da expansão paulista no período colonial do país, conforme visto no artigo –, de forma a analisar em conjunto dos alunos as razões sociológicas da formação e transformação das cidades e das culturas rústicas no contexto brasileiro. Essa estrutura dá conta especificamente da questão do caipira na sociedade brasileira, buscando a composição cultural que permeia os modos de ser contemporâneos, muito embora sejam recorrentemente contrastados à vida nas cidades, criando-se uma oposição, em que se encaixam características consideradas “atrasadas”, “lentas” ou até mesmo impossíveis de se realizar em meio à vida agitada promovida pela concepção moderna das cidades.

Assim, é possível focar em uma composição simultaneamente mais e menos ampla. Mais ampla no sentido de que podem ser deslocadas a qualquer município que componha a região em que se encontraria a cultura caipira tradicional, enquanto que acaba por ser menos ampla por restringir os limites das aulas em recortes significativos, relativos ao reconhecimento de uma cultura caipira, à desconstrução do seu estigma, e enfim à realocação do olhar para sua importância na formação cultural do país.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (PPGCS-UNIFESP). E-mail: gustavo.jorge77@outlook.com



## **2. Objetivo**

Instigar no aluno o interesse pessoal e as suas reflexões na produção de conhecimento por meio do reconhecimento de suas identidades culturais e das identidades de seus antepassados, além do engajamento na pesquisa social e das aulas de Sociologia com o enfoque no tema proposto.

## **3. Justificativa**

Por meio de aulas expositivas permeadas por recursos didáticos a serem abordados posteriormente, é possível trazer com o ensino da Sociologia as ferramentas para o aluno compreender as dinâmicas sociais envolvidas na formação e na transformação cultural nas cidades brasileiras, assim como a transformação das culturas rústicas e rurais em um processo de urbanização.

## **4. Metodologia e Uso de Recursos Didáticos**

Uso de três recursos didáticos, sendo estes a exibição de um filme documentário sobre a cultura caipira; a análise de músicas caipiras que retratam os modos de vida tradicionais, bem como a sua transformação pela urbanização; e por fim, a realização de um estudo do meio em uma visita à um bairro rural do município ou de sua macrorregião.

Para a execução do repertório, seria importante que as aulas de Sociologia ocupassem o último horário da grade escolar, com a possibilidade de contato com outras matérias que também possam aproveitar a visita, num interesse estabelecido pela interdisciplinaridade. Assim o tempo estaria à disposição para além dos horários das próprias aulas, de acordo com as possibilidades da escola, dos alunos, bem como das autorizações dos respectivos responsáveis.



A ideia estruturante da sequência didática gira em torno da possibilidade de trabalhar as peculiaridades sociais que possibilitaram a formação, anteriormente marcada pela vida rural e aparentemente simples, de uma cultura que tomou parte de um território amplo do que hoje se reconhece sob um só país, refletido nas formas de ser que hoje se encontram dissimuladas ao julgo de um processo de modernização e urbanização da sociedade brasileira.

Dessa forma, serão utilizados os recursos didáticos tendo em vista a própria noção, e a formulação através do pensamento sociológico de uma visão particular dos alunos, acerca do que é ser caipira, e quais as relações possíveis e presentes, tanto aquelas vindas de seus parentes e ancestrais, como em sua cultura e em seus modos de ser.

## **5. Aulas**

### **5.1. 1ª aula: Exibição do Filme e exposição de conceitos definidores da cultura caipira**

Nesta primeira aula, será exibido um filme como recurso didático, onde os alunos receberão uma questão a ser discutida em sala. A ideia é introduzir aos alunos alguns conceitos acerca da cultura caipira, bem como a data letiva para que seja realizado o estudo do meio da terceira aula. Os alunos poderão indicar por meio de suas experiências e do relato de seus parentes e amigos, algum lugar que represente características transformação e intersecção de contextos rurais e urbanos, sendo que o professor deverá discutir com a direção da escola as possibilidades, e qual o melhor local para realizar a visita. Além disso, deverá ser respondido e entregue na próxima aula em uma página escrita as impressões sobre o filme e a resposta da questão discutida pela sala, bem como os papéis para as autorizações legais dos responsáveis<sup>2</sup> na execução da aula de estudo do meio a ser preenchido posteriormente com os dados do local escolhido.

Dando início então ao primeiro recurso didático, será exibido o documentário de produção amadora que se encontra disponível no site do YouTube ([https://www.youtube.com/watch?v=Kv\\_jpWk4cok](https://www.youtube.com/watch?v=Kv_jpWk4cok)), mas que pode ser baixado e exibido

---

<sup>2</sup> Ver Anexo 1.



pelo professor através de um disco ou pen-drive, caso a escola disponibilize de condições materiais para tal. O filme titula-se “O Povo Brasileiro, de Darcy Ribeiro. Capítulo 7: Brasil Caipira”, ou simplesmente como “O Brasil Caipira”, que tem a duração de 26:03 minutos, e é uma produção dirigida por Isa Grinspum Ferraz, onde se articulam imagens, músicas, trechos de filmes e entrevistas de Antonio Candido, Darcy Ribeiro, Chico Buarque, entre outros autores e escritores brasileiros, tomando como base a publicação de Darcy Ribeiro, mas que leva a cada capítulo uma profundidade diferente referente ao tema apresentado. O documentário foi produzido pelos Produtores Associados: Fundação Darcy Ribeiro e realizado pela Cinematográfica Superfilmes, no ano 2000.

No tempo restante da aula, o professor vai organizar uma discussão com a sala tendo em vista o documentário, com base na seguinte questão que deve ser escrita na lousa pelo professor no início da aula: “Quais aspectos da cultura caipira presentes no documentário chamam a atenção?”. Dentro da discussão, o professor deve se guiar pelos seguintes aspectos e temas presentes: simplicidade; economia doméstica; bairro como unidade sociológica; transformações histórico-culturais; entre outros que o professor achar importante. Será exposto nessa discussão a formação cultural do Brasil sob a hegemonia colonial e os seus reflexos no território em que se localiza a cultura caipira. A principal base girará em torno dos processos de instauração de uma colônia de economia baseada na agricultura de monocultura e exportação, que serviu como pretexto para o domínio cultural europeu sobre os diversos povos indígenas que habitavam inicialmente o continente, bem como dos escravos africanos que foram trazidos para trabalhar nos engenhos e plantações de cana-de-açúcar e café, dando origem a uma população heterogênea que fora mantida às margens do processo civilizatório – como chama Darcy Ribeiro – de um tipo específico de economia e sociedade, que não previa a integração dessas diferentes origens.

Dentre essas populações heterogêneas, suscita-se a ideia acerca dos caipiras, bem como de outras culturas rústicas, conforme a definição de Antônio Candido, ou do chamado campesinato, por Maria Isaura de Queiroz. Essas culturas rurais, diferenciadas pela região e pelas origens históricas, são frutos de um Brasil interiorano, sertanejo, que se desbrava e se



mistura a partir principalmente de mamelucos, negados ao acesso às classes dominantes e seus modos de vidas, centralizados na região litorânea e nordeste do país em dado período colonial, e ao mesmo tempo, negados das suas origens indígenas adversas, que vão dar origem a um modo de vida rude associado ao não pertencimento, a grandes deslocamentos territoriais, conflitos com outras populações e especialidade no furto e sequestro para enriquecimento fácil, conforme pode ser observado em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, como também em *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro.

Posteriormente essa população passa a se estabelecer, em relação e por vezes em distanciamento dos centros urbanos que vão surgindo, principalmente a partir do período da mineração do país, onde as relações com as cidades acabam por produzir outros tipos de sociedade brasileira, mas que não se mantêm por muito tempo, visto o rápido declínio do modo de produção, o estrangulamento e a falta de investimentos em uma forma adversa que pudesse manter a ascensão da colônia, que foram realizados pela metrópole. O caipira volta então a se dirigir à produção de subsistência, à ocupação de terras esparsas, até então rejeitadas pelos grandes domínios latifundiários, que tornam a crescer posteriormente sob o domínio da produção para a exportação de café, submetendo os sitiantes interioranos a um outro tipo de relações de produção, as chamadas Parcerias, que são um dos objetos de estudo e análise em *Parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido.

## **5.2. 2ª aula: Análise de letras de músicas caipiras, e a relação de transformação da sociedade brasileira**

Nessa segunda aula, os alunos serão apresentados brevemente ao tema da modernidade no pensamento sociológico, como um processo de mudança dos modos de vida, desde sociedades menos urbanizadas, marcadas pela produção artesanal e um cotidiano ditado por um tipo de trabalho rural de acordo com o tempo das plantações e colheitas, até a mecanização dos processos de produção e a vida agitada dos grandes centros urbanos em um tempo cronometrado pelo trabalho em grandes fábricas.



No Brasil, esse processo ocorre de forma tardia, sem forças para substituir a economia ruralista – que de certa forma resiste até hoje – encontrando um híbrido de desenvolvimento agroindustrial, que dita diferenças culturais por diversas cidades e estados. No estado de São Paulo, as indústrias e os centros urbanos obtiveram sua ascensão no início do século XX, por meio das plantações de café e as recorrentes demandas pela urbanização e modernização do país agrário. Em Botucatu esse processo se inicia com a Estação Ferroviária que atendia à linha Sorocabana, mas demora em atingir a identidade de uma cidade moderna.

É interessante aqui observar as tensões recorrentes, retratada por vezes em músicas caipiras e nos discursos dos mais velhos, que dizem respeito à modernização do país, assim como as que ocorrem no processo inverso, em que se negativiza e estigmatiza a figura do caipira como uma pessoa preguiçosa, atrasada, menos capaz ou desprovida de intelecto, espalhado muito a partir do ponto de vista modernista, até mesmo representado no movimento artístico da semana de arte moderna.

As tensões entre o mundo rural e o mundo urbano viriam a produzir a visão de suplementação do primeiro pelo segundo, quando na verdade é possível observar um contínuo de transformações e relações em que se experienciam em diversas regiões rurais, nas quais os modos de vida rural, não apenas acompanham a transformação das relações econômicas e sociais, como mantém a sua identidade e a sua cultura, conforme podemos observar na publicação acerca dos Bairros Rurais Paulistas, Maria Isaura de Queiroz.

Além disso, ao decorrer da aula, as diferenças entre as grandes cidades modernas e as cidades pequenas apontadas por Georg Simmel serão utilizadas como ferramenta a apontar a diferenciação dos grandes centros urbanos, principalmente de Botucatu, e as cidades menores, tais como as cidades vizinhas, estabelecendo parâmetros de comparação aos alunos que não se tornam soberanos sobre as diferentes experiências práticas, quando se cultivam hábitos relacionados aos dois tipos de vida, principalmente nas cidades mais interioranas.

A aula traria então o uso de outro recurso didático, que seria a apresentação, reprodução e análise das letras de algumas canções de música caipira. Seguem sugestões práticas, que podem ser escolhidas de acordo com a disponibilidade de tempo dentro da aula:



5.2.1. **Inhambu-xitã e o xororó**, composta por Athos Campos e Serrinha,  
interpretada por **Tonico e Tinoco** (*duração: 4'16"*)

Eu não troco meu ranchinho  
Amarradinho de cipó  
Por uma casa na cidade  
Nem que seja bangalô  
Eu moro lá no deserto  
Sem vizinho eu vivo só  
Só me alegra quando pia  
Lá praqueles cafundó  
O inhambu-xitã e o xororó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
Quando rompe a madrugada  
Canta o galo carijó  
Pia triste a coruja  
Na cunhera do paiol  
Quando vai o entardecer  
Pia triste o jaó  
Só me alegra quando pia  
Lá praqueles cafundó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
Eu não dou com a terra roxa  
Com a seca larga o pó  
Na baixada do areião  
Eu sinto um prazer maior  
A rolinha quando anda  
No areião faz caracó  
Só me alegra quando pia



Lá praqueles cafundó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
Eu faço minha caçada  
Bem antes de sair o sol  
Espingarda cartucheira  
Patrona de tiracó  
Tenho buzina e cachorro  
Pra fazer forrobodó  
Só me alegra quando pia  
Lá praqueles cafundó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
Quando eu sei de uma notícia  
Que outro canta melhor  
Meu coração dá um balanço  
Fica meio banzaró  
Suspiro sai do meu peito  
Que nem bala joveló  
Só me alegra quando pia  
Lá praqueles cafundó  
É o inhambu-xitã e o xororó  
É o inhambu-xitã e o xororó

**5.2.2. Franguinho Na Panela**, composta por Moacir dos Santos,  
interpretada por **Lourenço & Lourival** (*duração: 4'03"*)

No recanto onde moro é uma linda passarela  
O carijó canta cedo, bem pertinho da janela





Eu levanto quando bate o sininho da capela  
E lá vou eu pro roçado, tenho Deus de sentinela  
Têm dia que meu almoço, é um pão com mortadela  
Mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos  
Tem franguinho na panela  
Eu tenho um burrinho preto bom de arado e bom de sela  
Pro leitinho das crianças, a vaquinha Cinderela  
Galinhada no terreiro papagaio tagarela  
Eu ando de qualquer jeito, de botina ou de chinela  
Se na roça a fome aperta, vou apertando a fivela  
Mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos  
Tem franguinho na panela  
Quando eu fico sem serviço a tristeza me atropela  
Eu pego uns bicos pra fora, deixo cedo a corrutela  
Eu levo meu viradinho é um fundinho de tigela  
É só farinha com ovo, mas da gema bem amarela  
É esse o meu almoço, que desce seco na goela  
Mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos  
Tem franguinho na panela  
Minha mulher é um doce diz que sou o doce dela  
Ela faz tudo pra mim, e tudo que eu faço é pra ela  
Não vestimos lã nem linho é no algodão e na flanela  
É assim a nossa vida, que levamos na cautela  
Se eu morrer Deus dá um jeito, mais a vida é muito bela  
Não vai faltar no ranchinho pra mulher e os filhinhos  
O franguinho na panela

**5.2.3. Chico Mineiro**, composta por Francisco Ribeiro Barbosa e Joao Salvador Perez, interpretada por **Tonico e Tinoco** (*duração: 3'16"*)



Cada vez que me alembro  
Do amigo Chico Mineiro  
Das viage que nois fazia  
Era ele meu companheiro  
Sinto uma tristeza  
Uma vontade de chorar  
Alembando daqueles tempos  
Que não mais há de voltar  
Apesar de eu ser patrão  
Eu tinha no coração  
O amigo Chico Mineiro  
Caboclo bom decidido  
Na viola era dolorido e era o peão dos boiadeiro  
Hoje porém com tristeza  
Recordando das proeza  
Da nossa viage motin  
Viajemo mais de dez anos  
Vendendo boiada e comprando  
Por esse rincão sem fim  
Caboclo de nada temia  
Mas porém, chegou um dia  
Que Chico apartou-se de mim  
Fizemos a última viagem  
Foi lá pro sertão de Goiás  
Fui eu e o Chico Mineiro  
Também foi o capataz  
Viajamos muitos dias  
Pra chegar em Ouro Fino  
Aonde nós passemos a noite



Numa festa do Divino  
A festa tava tão boa  
Mas antes não tivesse ido  
O Chico foi baleado  
Por um homem desconhecido  
Larguei de comprar boiada  
Mataram meu companheiro  
Acabou-se o som da viola  
Acabou-se o Chico Mineiro  
Depois daquela tragédia  
Fiquei mais aborrecido  
Não sabia da nossa amizade  
Porque nois dois era unido  
Quando vi seu documento  
Me cortou meu coração  
Vim saber que o Chico Mineiro  
Era meu legítimo irmão

**5.2.4. Caboclo Na Cidade**, interpretada por **Dino Franco e Mouraí**

*(duração: 3'51")*

Seu moço eu já fui roceiro  
No triângulo mineiro  
Onde eu tinha o meu ranchinho  
Eu tinha uma vida boa  
Com a Isabel minha patroa  
E quatro barrigudinhos  
Eu tinha dois bois carreiros  
Muito porco no chiqueiro  
E um cavalo bom arreado



Espingarda cartucheira  
Quatorze vacas leiteiras  
E um arrozal no banhado  
Na cidade eu só ia  
A cada quinze ou vinte dias  
Pra vender queijo na feira  
E no mais estava folgado  
Todo dia era feriado  
Pescava a semana inteira  
Muita gente assim me diz  
Que não tem mesmo raiz  
Essa tal felicidade  
Então aconteceu isso  
Resolvi vender o sítio  
Pra vir morar na cidade  
Já faz mais de doze anos  
Que eu aqui já tô morando  
Como eu tô arrependido  
Aqui tudo é diferente  
Não me dou com essa gente  
Vivo muito aborrecido  
Não ganho nem pra comer  
Já não sei o que fazer  
Estou ficando quase louco  
É só luxo e vaidade  
Penso até que a cidade  
Não e lugar de caboclo  
Minha filha Sebastiana  
Que sempre foi tão bacana



Me dá pena da coitada  
Namorou um cabeludo  
Que dizia ter de tudo  
Mas foi ver não tinha nada  
Se mandou para outras bandas  
Ninguém sabe onde ele anda  
E a filha está abandonada  
Como dói meu coração  
Ver a sua situação  
Nem solteira e nem casada  
Até mesmo a minha velha  
Já está mudando de ideia  
Tem que ver como passeia  
Vai tomar banho de praia  
Está usando mini-saia  
E arrancando a sobrancelha  
Nem comigo se incomoda  
Quer saber de andar na moda  
Com as unhas todas vermelhas  
Depois que ficou madura  
Começou a usar pintura  
Credo em cruz que coisa feia  
Voltar pra Minas Gerais  
Sei que agora não dá mais  
Acabou o meu dinheiro  
Que saudade da palhoça  
Eu sonho com a minha roça  
No triângulo mineiro  
Nem sei como se deu isso



Quando eu vendi o sítio  
Pra vir morar na cidade  
Seu moço naquele dia  
Eu vendi minha família  
E a minha felicidade

A exposição da aula seguirá com a discussão sobre os conceitos apresentados e a forma que são tratados nas músicas reproduzidas, tendo como foco especial as proximidades da vida rústica da cultura caipira junto de suas relações com o desenvolvimento das grandes cidades no Brasil. A fim de tornar a aula de estudo do meio mais produtiva, será entregue aos alunos um roteiro<sup>3</sup>, onde serão expostas sugestões de técnicas e recursos de pesquisa para a obtenção de relatos de moradores dos bairros ou da cidade, os recursos de fotografia, filmagem, gravação de som para realização de entrevistas e o caderno de campo, como objeto central de obtenção de dados.

Assim, serão dados exemplos de uso para cada recurso, além de outros exemplos para fins de trabalharem os dados, esperando-se que permita a reflexão nítida dos interesses de elaboração de dois relatórios a serem apresentados como tarefa avaliativa. Um dos relatórios será produzido à partir de uma entrevista com um morador mais velho da cidade ou bairro do aluno, que seja capaz de relatar as transformações dos modos de vida. O outro relatório deverá ser elaborado durante o estudo do meio, trazendo o olhar do aluno para os aspectos de interesse do local escolhido para a visita.

---

<sup>3</sup> Ver Anexo 2.



### **5.3. 3ª aula: visita à um bairro rural que ilustre uma das possibilidades de intersecção com a presença das cidades**

Na data da terceira aula, será realizada a visita a um dos lugares que foram recomendados, escolhido pelos alunos na primeira aula, sob o conhecimento da escola e principalmente sob as possibilidades materiais e recursos permitidos pela diretoria da escola. Os alunos poderão fotografar, gravar vídeos e áudios, desenhar e relatar os aspectos de interesse desse lugar, sendo direcionados os olhares por meio do roteiro de campo a ser preenchido e entregue junto ao relatório da visita.

Dentre os lugares pensados a se visitar, a importância maior deve ser dada àqueles que representem significativamente a ideia de mostrar aos alunos os bairros rurais e as suas relações com o que fora apresentado nas duas primeiras aulas; e a tendência dessa lista é aumentar conforme a prática das aulas for se estabelecendo nos anos recorrentes, seguindo as sugestões dos próprios alunos. Porém, limitando à única data disponível a cada ano em que a sequência didática for posta em prática, será escolhido apenas um desses espaços para visita de forma deliberada em conjunto com as possibilidades da escola, respeitando seus limites materiais disponibilizados para o professor.

No município de Botucatu-SP, alguns lugares para o estudo do meio seriam:

#### **5.3.1. “Pedra do Índio”:**

A “Pedra do Índio” se localiza no alto da chamada Cuesta de Botucatu – uma formação geográfica característica da região, semelhante a uma serra –, de frente às “Três-Pedras” e a um trecho do antigo “Caminho do Peabiru”, que cruzava grande parte do território Sul-Americano.

Nessa visita, a ideia seria apresentar aos alunos um dos principais eixos das ocupações tradicionais do território pela recorrente expansão paulista, quando da mobilidade desses grupos por meio dessas extensas trilhas que percorriam o atual território nacional. Dessa forma é possível observar com os alunos o modo de vida que predomina até hoje nessa região, marcado pelas fazendas e sítios, onde muitos dos seus trabalhadores seriam “caboclos”



e “caipiras”. Dado além da cultura e da fisionomia, a proximidade com o município de Bofete oferece uma ferramenta para a observação encontrada na obra de Antônio Candido, “Os Parceiros do Rio Bonito”, podendo notar-se na estética e nas tradições a ideia das “Culturas Rústicas”, bem como diversos elementos levantados pelo autor para falar das populações caipiras retratadas em sua Obra.

### **5.3.2. Distrito de Rubião Jr.:**

O morro de Rubião Jr. se encontra próximo ao campus e hospital universitário da Unesp em Botucatu, contrastando com a condição mais precária da população local em condições rurais e mais rudimentares.

Essa visita teria um caráter similar à da Pedra do Índio, em condições mais favoráveis à sua realização, por dispor de uma proximidade maior com o centro da cidade. Assim, os mesmos motivos a observar, das relações dos moradores com o entorno, a “cultura rústica”, o caráter simbólico da construção da Capela de Rubião Jr. no alto do morro, bem como o papel da denominação católica através da catequização na colonização brasileira, bem como das transformações sociais que o mundo caipira acabou por presenciar, conservando algumas de suas características.

### **5.4. 4ª aula: apresentação dos relatórios e materiais coletados pelos alunos**

A última aula se iniciará com a discussão acerca das impressões gerais sobre a visita realizada, bem como sobre os outros recursos, e o que fora apresentado até então, dando espaço para que os alunos se manifestem, trazendo suas contribuições artísticas, de estudos, ou de dados materiais que endossaram a produção de seus relatórios, que deverão ser entregues nessa mesma data.





Assim, as demonstrações acerca da formação da sociedade brasileira, e sua configuração na cidade de Botucatu estarão aptas a serem avaliadas nos trabalhos que serão apresentados e entregues nessa última aula do período. Serão avaliados as capacidades analíticas, a organização dos grupos, os temas escolhidos e a autenticidade nos processos do trabalho, sendo possíveis diversas formas de apresentação e entrega dos relatórios e dos dados, desde que respondam às questões trazidas no roteiro e estejam circunscritas ao tema proposto. De maneira que poderão tratar não somente de uma análise social, mas também de expressões artísticas – como desenhos, pinturas, expressões corporais e teatrais, música, etc. –, devolutivas às populações envolvidas – como algum tipo de ação beneficente, planos para os agentes sociais envolvidos nos espaços, etc. –, produção de revistas e jornais, vídeos, fotos, trabalhos escritos, etc.

## **5. Métodos avaliativos**

Os alunos serão avaliados pelo desempenho e coesão na obtenção de materiais a serem apresentados para a turma no último dia, juntos dos relatórios que serão elaborados com dados relativos à visita e à conversa que será feita com um interlocutor mais velho, que tenha testemunhado a mudança cultural na região em que mora. Pode-se resumir brevemente a avaliação na seguinte fórmula:

Relatório de uma conversa com uma pessoa mais velha que testemunhe a mudança cultural da região em que mora + Relatório de campo + Materiais coletados = Exposição de uma transformação das formas de ser, testemunhadas em relação aos modos de vida caipira.

Para a entrega na última aula, os alunos deverão dispor das técnicas e das discussões apresentadas nas aulas para realizar o trabalho, bem como em anexo as cópias referentes aos dados obtidos, anotações de campo, fotos, desenhos, gravações de áudio e vídeo, documentos analisados, referências bibliográficas, enfim, tudo que possa endossar o material levantado para a realização dos relatórios a serem apresentados.



## **Bibliografia**

CANDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: EdUSP, 2017.

\_\_\_\_\_. “Possíveis raízes indígenas de uma dança popular” (1956); “Caipiradas” (1980). In: **Revista USP**, Dossiê 100 Anos de Antonio Candido. São Paulo, n. 118, pp. 139 – 172, jul/ago/set 2018.

MIGUEL JORGE, Gustavo Dal Farra. Entre Parceiros: o legado de Antonio Candido e o caipira na formação cultural do Brasil. In: Revista Pensata. Guarulhos, vol. 9, n. 1, pp. 162 - 179, 2020.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil. 3ª Ed. São Paulo: Editora Global, 2015.

SIMMEL, Georg. (2005). As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, vol.11, n.2, Rio de Janeiro, Museu Nacional, out 2005.

## **Leituras Complementares**

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Na carreira do Divino”; “A cultura caipira”; “Antonio Candido, Paulo Betti e o cururu: um inédito”. In: **Revista USP**, Dossiê 100 Anos de Antonio Candido. São Paulo, n. 118, pp. 173 – 199, jul/ago/set 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 27ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

IANNI, Octávio. Origens Agrárias do Estado Brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JACKSON, Luiz Carlos. A Tradição Esquecida: Os Parceiros do Rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: FAPESP, 2002.



Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH

Departamento de Sociologia

**Laboratório Didático - USP ensina Sociologia**

---

MARTINS, José de Souza. Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Palo: Pioneira, 1975.

\_\_\_\_\_. A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e História na Modernidade Anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Campesinato Brasileiro: Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1973b.

### **Anexo 1 - Modelo de autorização dos responsáveis para a visita ao bairro rural**

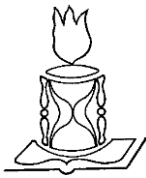
Eu \_\_\_\_\_, responsável pela/o aluna/o \_\_\_\_\_ matriculada/o no instituto de ensino \_\_\_\_\_, autorizo esta/e a participar da aula de estudo do meio realizada pela/o professor \_\_\_\_\_ da disciplina de \_\_\_\_\_. Declaro ciência de que a aula será realizada na localidade escolhida pela turma do \_\_\_\_ ano, definida em acordo com a Escola, para ser realizada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, no seguinte horário:\_\_\_\_:\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_

Assinatura da/do Responsável

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Data da assinatura



Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH

Departamento de Sociologia

**Laboratório Didático - USP ensina Sociologia**

---

## **Anexo 2 - Roteiro das Técnicas e Recursos de Pesquisa**

Fotografia - A fotografia pode ser utilizada como uma técnica para mostrar o olhar do pesquisador dentro de campo. A posição deste por detrás da câmera e de frente para os sujeitos, interlocutores e objetos de pesquisa, oferece uma amostra da relação que existe entre o pesquisador e o próprio campo. Além disso, a fotografia como recurso de pesquisa pode ser considerada como um destaque no espaço-tempo, de um momento específico, não apenas demonstrando a relação entre quem tira a foto e quem está sendo retratado nela, mas principalmente em qual momento ela foi tirada, ou o que ela ilustra.



Tomada por significados, a fotografia pode significar uma diversa gama de sentidos e saberes, que serão dados de acordo com o processo de análise e apresentação desses significados pelo pesquisador. Podem ser utilizadas, com os devidos créditos, fotografia de outros autores, em outros momentos históricos inclusive. O importante é o significado que quer ser demonstrado, à partir do objeto da pesquisa.

Filmagem - Por se tratar de um recurso audio-visual, muitos aspectos da filmagem podem ser comparados aos da Fotografia, ou até mesmo das Gravações de Som. No entanto, a filmagem se destaca pela possibilidade de articulação entre ambas, e por trazer consigo a sensação de movimento.

Por meio desta, é possível ilustrar trejeitos, encenações, idas e vindas que destacam a fluidez dos modos de ser e do comportamento, ou até mesmo as diferenças de tempos e ritmos que podem ser observados pelo pesquisador.

Gravação de som - Este recurso permite o registro sonoro das vozes dos interlocutores, seus sotaques e suas anuências, ou até mesmo a musicalidade e a poesia de suas palavras. A gravação de músicas ou de entrevistas se faz essencial para uma pesquisa sociológica que tem como sujeitos os moradores de uma localidade, as suas formas de comunicação, as memórias e os seus relatos e impressões acerca da sua inserção no mundo. Além disso, as gravações podem ser utilizadas pelo próprio pesquisador como meio de relato, se assemelhando também com o caderno de campo.

Caderno de campo - Essencial na pesquisa antropológica e sociológica, o caderno de campo é utilizado como intercurso da produção escrita de uma pesquisa. Nele devem ser relatados todos os tipos de experiências e reflexões do pesquisador, inclusive de suas leituras e observações produzidas em campo. Pode ser produzido tanto na forma de diário, como também em ensaio, destacando as rasuras e as impressões que são produzidas e alteradas ao longo da pesquisa.



É comum que um bom caderno de campo traga os questionamentos que surgem durante o processo de produção do conhecimento, indagando o seu escritor e os seus possíveis leitores às perguntas que conduziram à obtenção de respostas e dados sobre a sua pesquisa.

\_\_\_\_\_

Todos estes recursos podem ser conduzidos na produção dos relatórios que serão avaliados pelo professor, à escolha do aluno pelos que melhor respondam às suas indagações pessoais e às demandas de seu processo de aprendizado.

Para isso, é essencial que os aspectos debatidos em sala de aula estejam presentes, tanto nos relatórios, quanto durante o estudo do meio e a entrevista com o morador mais velho da sua cidade ou bairro. O aluno pode fazer uma breve reflexão sobre o recurso de pesquisa e os métodos escolhidos dentro de seus relatórios, além de notar os impactos dessas escolhas na obtenção de dados e no seu processo de produção do conhecimento.